

Ana Rita Nicolliello Lara Leite; Morgana Alvarenga Mafra
Universidade Federal de Minas Gerais

Performar a gravidade: traços sobre Trisha Brown e Bas Jan Ader

A arte dos anos 60 e 70 é marcada pela exploração radical e confusão das fronteiras que delimitam e separam a arte da vida. Muitos artistas do período utilizaram o próprio corpo como material dessa experimentação, levando ao limite suas experiências pessoais para tornar visível o aspecto esfumado dessas fronteiras. Interessamos, aqui, dois artistas, Trisha Brown e Bas Jan Ader, que escolheram investigar e dar visibilidade à gravidade, entendida enquanto substantivo – a lei física universal – e como adjetivo – qualidade do que é grave. Essa linha reta e vertical que age sobre todos os corpos, subjugando-os, organizando-os, é, ao mesmo tempo, o que possibilita seu movimento, sua dança. Ambos os artistas se fazem mídia para evidenciar a gravidade, mas de maneiras distintas. A dançarina coloca seu corpo em situações propositalmente desequilibradas para sublinhar a constante negociação entre tônus e gravidade, inerente a qualquer movimento dançado ou cotidiano. O performer mostra que acompanhar sem concessões a linha dessa lei universal pode ser a completa perda de si ou a aniquilação do sujeito, do corpo que cai e que pesa. Como os artistas dobram essa lei universal ou, afinal, é mesmo possível dobrar a lei da gravidade? Em que medida a arte pode dobrar a gravidade das leis, isto é, como o corpo do artista em performance abre zonas de visibilidade em meio a hábitos engessados, delimitados pelas demandas práticas de uma sociedade que controla corpos e endurece gestos? Tais perguntas são força motora para passear pelos trabalhos, pelas imagens que emergem deles e por alguns pensamentos de Gilles Deleuze e de seus interlocutores, sobretudo os conceitos de dobra, linhas de força, molar, molecular, corpo sem órgãos e organismo.
